

MAQUIAVEL: A POLÍTICA COMO TÉCNICA

ANTONIO VALVERDE

Abstract: This article situates the political as well theoretical and historical inquiries, known as technique, in Maquiavel's thought, from its beginning in *Il Principe*, towards grading this proposition supported by a less explored writing, in *Discorsi sopra la prima decada di Tito Livio* and *The Istorie Fiorentine*, which the political technique takes into account, specially in the conceptions of "civil discord" and "inherent enmity"

A Jurandir Ferreira (05.09.1905 – 15.12.1997)

...bisogna demolire il regno celeste.

Pietro Gianone

“A maior parte dos pensadores do Renascimento lutou denodadamente para ver a ciência e a técnica transformarem-se em ‘temas abertos’. Isto foi verdadeiro tanto na ciência e técnica da arte (Alberti) como na ciência e técnica da natureza (Leonardo, Bruno, Bacon), da política (Maquiavel) e do comportamento ético (Charron). Transformá-las em temas abertos significava retirar-lhes o véu do mistério, declarando-as algo utilizável por qualquer pessoa e imitável por todos”.¹ Acrescente-se a este caldo, as novidades da técnica religiosa de Lutero, possibilitando ao crente a leitura e a interpretação das *Sagradas Escrituras* pela luz da sua fé e a graça de Deus, – sem intermediários eclesiásticos.

Antonio Valverde é professor de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1. HELLER, Agnes – *O Homem do Renascimento*, Lisboa, Presença, 1982, p. 322.

Ao universo da fortuna crítica da obra de Maquiavel,² desde o século XVI até meados deste século, muitos desacertos propositais e “interpretações exemplares”, diria Claude Lefort, desvendaram no mesmo passo que velaram os eixos mais significativos e profundos do seu complexo labirinto teórico acerca da política, como categoria autônoma.³ Contudo, para Maquiavel, em se tratando de política, *o real é o que não se vê*. A transposição desta descoberta careceu para ele de maneiras diversas de expressão, através de ensaios e peças teatrais, e também da poesia.

Se na Idade Média a técnica foi relegada ao plano inferior das atividades humanas, à aurora da Modernidade a técnica será a quintessência do conhecimento aplicado, uma redução precisa da teoria adequada ao universo pragmático. E se sua realização dependeu de alturas intelectuais excelentes, o Renascimento produziu gigantes. Neste ponto, Maquiavel é um avatar do intelectual moderno. A sua altitude teórica, soerguida do chão da prática política e do esforço espiritual, diz ele, adveio de “tudo o que me ensinaram uma longa experiência e o estudo contínuo das coisas do mundo”.⁴ O que já apontava para a possibilidade da investidura da política como técnica, disposta ao alcance de todos.

Luigi Russo, em 1945, talvez tenha sido o primeiro a declarar pontualmente a política como técnica em Maquiavel, ao destacar a política como a “nuova scienza dell’interesse puro, della tecnica pura”.⁵ Justificou afirmando que em Maquiavel encontra-se “la passione per la tecnica politica nella sua pureza,” e acrescentou “egli finiva con l’essere l’artista incantato del suo stesso osservare e speculare: la tecnica per la tecnica, si potrebe dire, è l’insegna storica del suo pensiero e della sua azione”.⁶ Russo

2. Sobre o destino da obra maquiaveliana, conferir CIAPETTI, Remo et alli – *Atti del Convegno Internazionale su il Pensiero Politico di Machiavelli e la sua Fortuna nel mondo*, Firenze, Istituto Nazionale di Studi sul Rinascimento, 1972.

3. “...como se ha dicho con justicia, al reconocimiento de la ‘autonomia’ de la política, forma de actividad humana en sí y por sí e independiente de cualquier presupuesto o finalidad de carácter teológico o moral.” CHABOD, Federico – *Escritos sobre Maquiavelo*, México, Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 388.

4. MACHIAVELLI, N. – *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio (Discorsi)*, Brasília, UnB, 1979, p. 13.

5. RUSSO, Luigi – *Machiavelli*, Roma-Bari, Laterza, 1988, p. 26. Acerca do enfoque de Russo da obra maquiaveliana conferir SCAGLIA, G.B – *Machiavelli – passione e rischio della politica*, Roma, Studium, 1990, p. 289 ss. e p. 298.

6. _____. _____. – *Op. cit.*, p. 27.

escreveu inspirado nos escritos críticos de Francesco De Sanctis – por sua vez de orientação filosófica complexa, com raízes no pensamento de Vico e de Hegel, com entradas pelo Iluminismo e Romantismo.⁷ Contextualizando: ao mesmo tempo que Mazzini profetizava o Risorgimento calcado em Maquiavel.... De Sanctis vencia galhardamente os preconceitos contra o autor florentino e estabelecia que o jogo lógico do raciocínio maquiaveliano não era outra coisa senão a pura inauguração da ciência política moderna, sem nenhuma concessão à idealização essencialista, aos moldes dos medievais e dos antigos. Nenhuma idealização, assegurava De Sanctis, resguardada a possibilidade do risco de sua interpretação descambar para uma leitura positivista e mecanicista do florentino. Em 1947, reforçando a redução da ciência política à técnica, Guiseppe Santonastaso, após analisar a “formação do Estado moderno”, centrando sua atenção em *Il Principe*, escreveu: “esaurito il motivo pratico della politica nella tecnica del successo, nella politica di potenza o di domínio e di durata, il Machiavelli s’eleva a una visione più ricca della storia, nel commento alla prima Deca di T. Livio.”⁸

Se se tornou corrente classificar o pensamento de Maquiavel pelo viés da ruptura / ultrapassagem das teorias políticas medievais, localizando-o como liquidante da massa falida dos elos teóricos menores e anteriores, e entronizando-o como criador da ciência política moderna, algumas matrizes e registros, desta sofisticada operação de balanço e encerramento da empresa medieval, podem ser atribuídas às seguintes identificações mais ou menos didáticas do seu pensamento: 1^o) seu arraigado realismo calcado num certo empirismo ainda sem a explicitação teórica moderna; 2^o) o interesse pelo utilitarismo das lições retiradas de situações

7. Ver MILANESE, Cesare – “Introduzione”, In DE SANCTIS, Francesco – *Storia della letteratura italiana*, Milano, Newton, 1991, p. VII ss. Ver também SCAGLIA, G.B. – *Op. cit.*, p. 289/291. Sobre a leitura maquiaveliana de De Sanctis, na parte dedicada às “interprétations exemplaires”, Lefort escreveu: “L’analyse de De Sanctis, telle qu’elle s’ébauche, suggère que le lecteur devrait rejoindre la du position de l’écrivain Machiavel dans la Florence du *Cinquecento*; qu’il lui faut done abolir la distance qui le sépare du passé pour faire coïncider son regard avec celui que Machiavel porte sur le monde qu’il habite. Si elle récusé le jugement moralisateur, c’est implicitement parce qu’elle récusé la relation d’extériorité.” Extraído de “L’éthique de l’homme historique – F. De Sanctis”, In LEFORT, Cl. – *Le travail de l’oeuvre Machiavel*, Paris, Gallimard, 1986, p. 163/164.

8. SANTONASTASO, Guiseppe – *Machiavelli*, Milano, Fratelli Bocca, 1947, p. 85.

paradigmáticas da história passada e da experiência presente – Maquiavel foi, inicialmente, secretário da Segunda Chancelaria de Florença (departamento dos negócios interiores), trabalhando como redator, porém, em breve, acumulou o trabalho da Primeira Chancelaria (negócios exteriores), atuando em diversas negociações políticas como secretário político; 3º) o fato de suas teorias se apresentarem sob o invólucro da separação entre ética e política; 4º) o chão sólido do anti-utopismo⁹ e da imutabilidade da natureza humana – Maquiavel, fino psicólogo, não sonha com o *homem novo* nem ao menos com uma nova sociedade; 5º) estes aspectos encontram-se como que entrelaçados por um ferrenho republicanismo conjugado a um ‘religioso’ patriotismo; e 6º) a crítica da herança ideológica dos humanistas cívicos florentinos acerca da liberdade e da vida política ativa (Petrarca, Salutati, Bruni). Em suma, Maquiavel nada concede à idealização política e a palavra de ordem que baliza sua filosofia, ao misturar poder e ação política, bem poderia ser pragmatismo: redução do universo da teoria política a uma técnica da política. E vez por outra, ambas se confundem e os limites não são precisos.

Esses aportes são, *grosso modo*, inferidos da passagem de *O Príncipe*, em que está assentado: “...como minha intenção é escrever o que tenha utilidade para quem estiver interessado, pareceu-me mais apropriado abordar a verdade efetiva das coisas, e não a imaginação. Muitos já conceberam repúblicas e monarquias jamais vistas, e que nunca existiram na realidade; de fato, a maneira como vivemos é tão diferente daquela como deveríamos viver que quem despreza o que faz pelo que deveria ser feito aprenderá a provocar a sua própria ruína, e não a defender-se.”¹⁰

9. Anti-utopismo. Tem-se identificado a passagem: “Muitos já conceberam repúblicas e monarquias jamais vistas, e que nunca existiram na realidade”, principalmente com a obra *A República*, de Platão. Mesmo sem desconsiderar esta possibilidade, deve-se levar em conta o fato de ter circulado pelas cortes européias, no começo do século XVI, uma carta de Américo Vespucci a Lourenço de Medici, (que não é o “Magnífico”), de 1503, conhecida por *Mundus Novus*. Alguns autores pensam ser apócrifa. Contudo, segundo Todorov a missiva, bastante popular à época, poderia ter inspirado mais tarde Thomas Morus na sua *Utopia*. A propósito, conferir TODOROV, T. – “Viajantes e indígenas”, In GARIN, Eugenio – *O Homem Renascentista*, Lisboa, Presença, 1991, p. 229/248. Ver também VIANNA, Hélio – *História do Brasil – Período Colonial*, 8ª ed., S. Paulo, Melhoramentos, s.d., p. 50/51.

10. MACHIAVELLI, N. – *Il Principe e altre opere politiche*, Milano, Garzanti, p.60/61. O fragmento citado no corpo do texto foi extraído de *O Príncipe*, Brasília, UnB, 1979, p. 72.

É para a cidade de Deus agostiniana, hegemônica no ideário ético-político-religioso medieval – já em estado de avançado desencantamento desde meados do século XII, sobretudo ao Norte da Itália – que Maquiavel decreta a falência das suas instituições e o sumiço do halo.

Se aqueles rótulos aderem de modo esquemático e com alguma imprecisão ao pensamento de Maquiavel, é porque talvez a mais apropriada compreensão da sua teoria política, sintetizada em técnica, passe por outros meandros menos evidentes à superfície dos textos e menos ainda à planura de viciadas interpretações, quando não de pré-juízos. Se abandonada a formulação técnica, densa e portátil, de *Il Principe*, talvez a chave para o entendimento da precisa técnica política de Maquiavel encontre-se no destaque que ele próprio dá às discórdias civis como condição *sine qua non* da conservação da liberdade civil no Estado, encontrável tanto nos *Discorsi* quanto nas *Istorie Fiorentine*. Estribado em passagens exemplares da *História de Roma – ab urbe condita libri*, de Tito Lívio, como um autêntico *intérprete*¹¹ desta obra manipulou e salientou alguns fatos históricos exemplares com arranjos certos para a sua intenção e persuasão. Mesmo procedendo com muita imaginação, parece não ter diminuído a precisão da sua ciência política, menos ainda da técnica correspondente. As discórdias civis seriam como que a perspectiva basilar da sua técnica política.

Já no “Proêmio” das *Istorie Fiorentine*, criticava seus antecessores da mesma tarefa, por deixarem de tratar adequadamente das “discórdias civis e das intrínsecas inimizades”.¹² Segundo o corifeu da ciência política moderna, a discórdia civil é o cimento de coesão da sociedade,¹³ a argamassa que tudo unifica, solidifica, sustenta e, paradoxalmente, a movimenta. Em grande parte, a técnica política maquiaveliana consiste em considerar as

11. Maquiavel “intérprete”, conferir In LEFORT, Claude – *As formas da História: ensaios de antropologia política*, S. Paulo, Brasiliense, 1979, p. 159 ss.

12. Conferir In MACHIAVELLI, N. – *Istorie Fiorentine e altre opere storiche e politiche*, volume secondo, a cura di Alessandro Montecchi, Torino, UTET, 1986, p. 280. A passagem citada foi extraída de *História de Florença*, S. Paulo, Musa, 1995, p. 19.

13. “...o que Maquiavel claramente considerava a percepção fundamental do político: que ‘toda a legislação que favoreça a liberdade decorre do choque’ entre as classes e, por isso, o conflito de classes não é o solvente, mas o cimento de uma República.” In SKINNER, Q. – *As fundações do pensamento político moderno*, S. Paulo, Cia. das Letras, 1996, p. 202.

discórdias civis, os tumultos, os levantes inesperados, como peças essenciais para a manutenção da liberdade política, contrariando assim todos os autores medievais, até mesmo o contemporâneo Savonarola e o “discípulo” Francesco Guicciardini.¹⁴ Se os medievais pregaram a paz na cidade terrestre, independentemente da organização dela ser republicana ou monárquica – com restrição para as dissensões religiosas –,¹⁵ Maquiavel assegura que a paz é o caminho mais curto para o fracasso das instituições políticas. Exorcizada pela ausência de tensão e luta, lembra o autor que tal situação gera o ócio, o ócio gera o langor, e o langor dissipa qualquer virtude, e sem virtude pública não há nenhum remédio para a conservação da liberdade, das instituições e das leis.

Alicerçado no exemplo da república romana, em que a tensão política estava polarizada entre nobres e plebeus, as discórdias civis forneciam o alimento mais sumarento da sua manutenção: a liberdade. Afinal, como quer Maquiavel só existem dois partidos: os nobres e o povo. Ilustrando com duas passagens, primeira: “Os que criticam as contínuas dissensões entre os aristocratas e o povo parecem desaprovar justamente as causas que asseguraram fosse conservada a liberdade de Roma. (...) Não querem perceber que há em todos os governos duas fontes de oposição: os interesses do povo e os da classe aristocrática. Todas as leis para proteger a liberdade nascem da sua desunião, como prova o que aconteceu em Roma, onde, durante os trezentos anos e mais que transcorreram entre os Tarquínios e os Gracos, as desordens havidas produziram poucos exilados, e mais raramente ainda fizeram correr o sangue.”¹⁶ Maquiavel, pleno de imaginação para o entendimento mais profundo da ordem política, a contragosto dos medievais e dos contemporâneos, arrebatando todo e qualquer silogismo, concluirá: “Não se pode de forma alguma acusar de

14. “...há muito a dizer sobre a tese de que o primeiro ‘maquiavélico’ teria sido Guicciardini, amigo de Maquiavel e um pouco mais moço que ele.” In SKINNER, Q. – *Op. cit.*, S. Paulo, Cia. das Letras, 1996, p. 205.

15. “...a cidade celeste se vê na necessidade de dissentir da cidade terrestre, ser carga para os que tinham opinião contrária e suportar-lhes a cólera, o ódio e as violentas perseguições...” Extraída de “Em que radica a paz da sociedade com a cidade terrena e em que a discórdia?”, Livro XIX, 17, In SANTO AGOSTINHO – *A Cidade de Deus – (Contra os pagãos)*, parte II, 2a. edição, Petrópolis, Vozes, 1990, p. 408/409.

16. MACHIAVELLI, N. – *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio (Discorsi)*, Brasília, UnB, 1979, p.31.

desordem uma república que deu tantos exemplos de virtude, pois os bons exemplos nascem da boa educação, a boa educação das boas leis, estas das desordens que quase todos condenam irrefletidamente”.¹⁷

Para acertar contas teóricas os humanistas que fizeram apologia da liberdade cívica florentina, precipitadamente, Maquiavel os corrige lembrando que Roma ganhou altura política com as desordens e Florença apequenou-se frente os tumultos, e com isto desfoca o centro de atenção da última para a primeira. Eis a segunda passagem: “As graves e naturais inimizades que existem entre as pessoas do povo e nobres, causadas porque estes querem mandar e aqueles não querem obedecer, são os motivos de todos os males que surgem nas cidades, porque desta diversidade de humores nutrem-se todas as coisas que perturbam as repúblicas. Foi isso o que manteve Roma desunida; isso se lícito for igualar pequenas e grandes coisas, manteve Florença dividida; diversos foram os efeitos numa e noutra cidade, convenha-se, porque as inimizades que no início surgiram em Roma entre o povo e os nobres definiram-se discutindo, e em Florença, combatendo; as de Roma com a lei, as de Florença, com a morte e com o exílio de muitos cidadãos terminaram; as de Roma, sempre em virtude militar aumentaram, as de Florença, de todo apagaram; (...) Esta diversidade de resultado é natural que provenha dos diversos fins a que se propuseram estes povos; porque enquanto o povo de Roma o que pretendia era poder gozar de supremas honras junto aos nobres, o de Florença lutava para ser único no governo, sem que os nobres deste participassem”.¹⁸ Assim, os florentinos cometeram o erro primário da política que é não manter a igualdade das forças em disputa, permitindo quando muito um equilíbrio instável.

Neste ponto, Maquiavel deve ser considerado o pensador que antecede e abre-alas para Hegel e Marx – contradição e guerra de classe contra classe –, mas isto é assunto para outras paragens.

Das discórdias civis, a rede labiríntica do pensamento maquiaveliano desliza para os enquadramentos com soluções dilemáticas, como um jogo

17. Idem, p. 31/32.

18. Conferir In MACHIAVELLI, N. – *Istorie Fiorentine e altre opere storiche e politiche*, Torino, UTET, 1986, p. 412/413. A passagem citada no corpo do texto foi extraída de MAQUIAVEL, N. – *História de Florença*, S. Paulo, Musa, 1995, p. 133.

de antíteses, para qualquer situação política, a mostrar que não há uma única receita, um só remédio para as dificuldades da ação política – seja a fundação de um Estado, seja a sua conservação. Os encaminhamentos dilemáticos abundam nas suas obras. Para ficarmos no universo dos quase esquecidos “Primeiros Escritos Políticos”, (1499-1512), tome-se como exemplo o “Provvedimenti per la riconquista di Pisa”, e ainda, o “Parole da dirle sopra la provisione del danaio, facto un poco di proemio et di scusa”.

A aguda observação dos fatos políticos em si, fruto da convivência com os próprios atores da cena contemporânea – César Bórgia, Júlio II, Maximiliano I, Luís XII –, aliada a poderosa *imaginação* criadora, já indicam naqueles breves ensaios o equacionamento e a tentativa de solução das dificuldades da ação política nacional. Neles encontram-se as bases empíricas e esboços teóricos melhor expressos mais adiante em *Il Principe*, nos *Discorsi*. e mesmo nas *Istorie Fiorentine*. Assim também, encontra-se neles, ao menos em embrião, a arte política apontada para o sucesso dos agentes, com cálculo e garantias para a empresa em curso. E até mesmo o como driblar a fortuna e torná-la favorável a causa defendida. Parece nos dizer, é preciso conhecer os princípios e também as suas regras de aplicação e considerar sempre suas conseqüências, – dilematicamente. Claro está, que não se deve esperar nenhum determinismo desta sincronia encadeada da inteligência dos movimentos da política, mas uma iluminação para a prática das normas e ditames, em seus fluxos e contrafluxos.

Todavia, a técnica política se complexifica pelo fato de Maquiavel não definir nenhum dos conceitos sobre os quais discorre: fundação, corrupção, liberdade, força, virtude, glória, *grandezza*, fortuna, etc. Por certo qualquer tentativa de definição fossilizaria a abordagem da realidade caleidoscópica do objeto em pauta. Os gregos e também os medievais puderam operar definindo e limitando os seus termos, entretanto, com a viragem dos tempos ao fim da Idade Média não é mais permitido o prêmio de tal consolo. Aliás, o tema da atenção aos movimentos milimétricos da política encontra seu contraponto na dificuldade da previsão da ação acertada. Política, dirá Maquiavel, reproduzindo o que foi ouvido pelo cardeal de Volterra, Francesco Soderini, se faz no dia a dia, no crepúsculo da hora, no ocaso do minuto, se faz no tempo oportuno.¹⁹

19. MACHIAVELLI, N. – “Del modo dei trattare i popoli della Valdichiana ribellati”, In *Istorie Fiorentine e altre opere storiche e politiche*, volume secondo, Torino, UTET, 1986, p. 95.

Se as grandes previsões são talhadas ao fracasso, e quase todas o são... a quase única possibilidade de sucesso político depende da fundação adequada do Estado – por um lado firmado na liberdade, e conjugado com a igualdade entre as forças em tensão constante – e, por outro, no esforço diuturno de conservação da liberdade, com instituições e leis em compasso com as constantes circunvoluções do jogo de forças políticas – uma espécie de prova dos nove da qualidade e do alcance da fundação. Fora disto, a política é como que o reino das dificuldades mais ou menos (im)previsíveis.

Porém, a política não é só técnica da articulação ideológica e do controle das forças em movimento, é também técnica teatral. Uma técnica lúdica de forçar a imaginação nas possibilidades de bem representar, como no teatro. Para tanto, é mister vasculhar, antecipadamente, os bastidores, as coxias, os interiores, e devassá-los, mas fazendo-os permanecer como que inviolados e invioláveis. Maquiavel gastou tintas nestas partes, pois o governante deve parecer ser aquilo que a imaginação do público espera que ele (de fato) seja, mesmo não sendo efetivamente. Deve representar ser parcimonioso, religioso, cumpridor da palavra empenhada, e, no limite, realizador da universalidade humana, uma vez que a representação segue pelas cenas, pelos atos. E como neste teatro não há a figura do “ponto”, de costas para o público, isolado pelo fosso italiano, assim também não há por parte da platéia o conhecimento prévio do desenrolar do enredo e desfecho das manobras do poder e da ação, como representação da tragédia grega. Maquiavel parece ensinar que o supra-sumo da política no seu espectro teatral carece sempre de novas máscaras, apropriadas a cada momento. E é preciso reinventá-las, pois as antigas foram perfuradas por um pensador de sorriso enigmático. No palco do século XVI, Maquiavel, consciência-limite de seu tempo, encarnou, antecipadamente, o papel de Lutero da política, o divisor de águas, que uma vez cindidas permaneceram sem direito a contra reforma.²⁰

Se Guicciardini, pode ser considerado o primeiro a utilizar a técnica maquiaveliana de análise política, – mesmo criticando algumas regras

20. “E il suo Lutero fu Niccolò Machiavelli. Il Machiavelli è la coscienza e il pensiero del secolo, la società che guarda in sé e s’interroga e si conosce; è la negazione più profonda del medio evo, e insieme l’affermazione più chiara de’ nuovi tempi; è il materialismo dissimulato come dottrina, e ammesso nel fatto e presente in tutte le sue applicazioni alla vita.” De SANCTIS, Francesco – *Op. cit.*, p. 300.

gerais conclusivas do mestre –,²¹ no entanto, foi Francis Bacon, nos *The Essays or Counsels Civil and Moral*,²² que parece ter reconhecido e universalizado as descobertas teóricas de Maquiavel para o vô além do Renascimento italiano. Aplinou e engastalhou de maneira sintética alguns dos achados preciosos da ciência política do cidadão florentino. Se citado diretamente ou não, a recorrência implícita é inegável, sobretudo nas análises acerca dos momentos decisivos da história de Roma e os nexos com as situações políticas contemporâneas da Inglaterra. Contudo, é o fulcro da invenção maquiaveliana – que vai da análise dos fatos da política em si e suas conseqüências modelares, sem nenhuma idealização, até a inferência de regras gerais, *indutivamente* – que seduziu Bacon para a explicitação do método experimental, firmado na indução verdadeira. Se o método de Maquiavel incluía a observação participativa, análise e interpretação projetiva de fatos políticos exemplares, Bacon irá mais ou menos imitá-lo no seu método experimental, pedra fundamental do desenvolvimento da ciência moderna em busca do conhecimento das leis intrínsecas na natureza, ainda que sob a concepção de ciência como conhecimento universal e necessário. E é sabido que Bacon chamou de inócua e venéfica a ciência que não esteja sempre aliada à técnica.

Concluindo, tomo emprestado as palavras de Gennaro Sasso: “Intelligenza grande, quella di Machiavelli, non della speculazione: del calcolo concreto, ingegneresco, mondano, non delle essenze. Intellegenza fisica, non metafisica. – E questa sarebe, la sua forza, il suggello definitivo della sua modernità. Non filosofia, ma scienza. Scienza artigianala e concreta: non di raffinato laboratorio, ma di oficina.”²³

Parafraseando São Paulo, Maquiavel parece sempre saber mais que profetiza...

21. GUICCIARDINI, F. – *Antimachiavelli*, a cura di Gian Franco Berardi, Roma, Riuniti, 1984. Ver especialmente “Considerazioni intorno ai *Discorsi* del Machiavelli” e “Discorso di Logrono o `sul modo di ordinare il governo popolare”.

22. Sobre o reconhecimento da obra de Maquiavel por F. Bacon, conferir In SCAGLIA, G. B. – *Op. cit.*, p. 275/277. Sobre a inspiração maquiaveliana para os *Essays* e a *History of Henry VII*, ambas de Francis Bacon, conferir comentários In POCOCCO, J. G. A. – *Il momento machiavelliano – La ‘repubblica’ nel pensiero politico anglosassone*, vol. II, sobretudo p. 611, 612, 620 e 667.

23. SASSO, Gennaro – *In margine al V centenario di Machiavelli*, Napoli, Guida, 1972, p. 39.